

Esgotamento [abrir passagens para o vento]

Karina Acosta Camargo¹

*As frases, os gestos, os refrãos ínfimos, muito sóbrios, um ritor-
nelo, ou uma imagem pouco antes de desvanecer, produzem uma
imagem verdadeira. Essa imagem é desaparecimento, mas também
um aparecimento, de uma vida fora da vida. A última ou penúl-
tima imagem, a imagem daquilo que será perdido, do que não está
mais presente, não está mais visível, essa imagem é, sem dúvida, a
identidade da vida e da morte.*

Kuniichi Uno. *A gênese de um corpo desconhecido.*

*"Tudo é possível", ou "tudo se torna possível", na medida em que
as partes da situação, tais como o visionário as apreende, não
são mais previamente combinadas: são como acontecimentos
puros compondo problemáticamente um único acontecimento (a
situação), e é próprio aos acontecimentos ressoarem uns com os
outros, caoticamente.*

François Zourabichvili. *Deleuze e o possível.*

*O muito próximo tornou-se incerto, envolto pelo que parece ser
o ar que faz flutuar uma borboleta. O ar em torno de mim, que
observava em silêncio uma pequena cobra derretendo, avançava
com a borboleta em direção ao lugar onde tudo estava fechado.
Essa imagem de mim não tem infância nem passado. Não sabe o
que fazer.*

Tatsumi Hijikata. *Dançarina doente.*

Um trem atravessando a casa. O seu apito e a sua fumaça tremem a cozinha e o quarto. Os latidos dos cachorros da rua, aqui dentro, embaixo da cama, perfuram as paredes com seus sons inquietos. Estranho silêncio no corpo de uma casa amontoada de palavras escondendo tudo aquilo que poderia desmoroná-la. Poesias empoeiradas de lágrimas em purpurina cinza pelo chão. Uma família fala alto e a rua e o trem passam pela mesa no almoço de domingo e ninguém está vendo. É carnaval, os cães estão soltos rebolando, até que um tio qualquer não consiga mais pisar seu discurso duro, paralisado, sobre as nossas cabeças.

...

Se eu começar a contar, você fica? Um abuso sexual..., mas não só, não só, não se prenda muito às minhas palavras. Estou indo em direção àquela sensação sem nome, vertiginosa, onde é escuro e movediço, onde a voz se apaga e as escutas também, onde o encontro desaparece, não há lugar. Grande demais é uma maneira de falar do que excede os contornos, desmancha as possibilidades de sustentação da vida. É demais. Não há quem pague a conta e você desaparece. Desaparece? É que se ninguém enxerga, não

existe. O olhar é a criação da alma. Eu não sei. A certeza da navalha rasgando a pele e, pele alguma, navalha alguma, sangue algum ali. Se ninguém vê, acho que não existe. Não tem oração que baste, cobertor que envolva, nada abraça o corpo, ele não existe mais. Os contornos realmente desaparecem. Se eu começar a contar, você fica? Não estou falando mais de mim. Você sabe disso, e talvez por isso mesmo seja tão difícil ficar, estar. Sua presença requer pequenos desmanches, se abrir para que eu possa entrar, eu sei. [Abrir passagens para o vento]. Uma certa dose de vulnerabilidade e descida aos próprios infernos. O que garante que você também não vai se perder? Qual é a dose da escuta possível? – pergunta. Não sei de onde surgiu essa pergunta. Se você se abrir um pouco, apesar desse rasgo sem nome e sem lugar, talvez eu também consiga garantir algum refúgio enquanto você me escuta. Talvez eu possa cuidar de você, enquanto, no fundo, eu falo para que você possa cuidar de mim. [Desabafo: não sei quem escreve aqui]. É que talvez, entre a gente, no encontro, haja algum modo de nos cuidarmos para além da minha capacidade e da sua, é um modo outro, uma garantia outra que acontece, que se tece, quando podemos nos fazer companhia, diante da narrativa de algo grande demais, da narrativa impossível do insuportável. É que talvez seja disso que eu esteja tentando falar, se você ficar, mesmo que se desmanche um pouco, a vertigem pode começar a ganhar algum risco, alguma margem, pequenas borbulhas de chão, garantir o nascimento da terra e do ar. A chegada num mundo. É que *para fora* não tem onde ficar, você entende? *Para fora*, não é fora de casa e na rua, fora da cozinha e na sala, fora da panela e no prato. É fora de lugar-nenhum. É em lugar algum. É não ter presença, não ter nascimento. Se eu começar a falar, você fica? É para que algo possa nascer. Lugar comum.

...

O corpo, recuado-acuado, diante do terrível desencontro com as suas sombras. Empoçado na sarjeta, estranhado com as próprias palavras, os próprios nervos, as próprias catástrofes. Suas nervuras, suas envergaduras, suas dobras, se desdobram num sem-fim, sem qualquer condição possível de sustentar o fora. Seu íntimo, intimidado, perde as margens que tornam uma dança possível, o ritmo que possibilita o fôlego. Você já deixou de respirar? Suas vias aéreas já se desmancharam alguma vez, hoje? Preciso de pés-no-chão-e-cabeça-nas-nuvens. Perderam-se os pés nas nuvens, as cabeças guilhotinadas pelo chão. Escrevo para que as cabeças possam dançar, para que os vagalumes possam habitar a escuridão, para que o sol possa se deitar no horizonte alaranjado dos meus pensamentos. Você já se perdeu hoje? As portas, as aberturas, [uma prudência necessária]. Uma dança, um rito. Um ritmo. É possível se afogar, mas *o mar quando quebra na praia é bonito, é bonito o mar*. Não quero te convencer que eu me afogo e eu aguento, ainda que por vezes eu tente. Talvez seja melhor reverter a frase. *O mar quando quebra na praia é bonito, é bonito o mar*, mas é possível se afogar. Talvez seja melhor verter a frase. O mar quando quebra na praia [é possível se *aforar*] é bonito, é bonito o mar. Não

há operação possível para te convencer. Você já se perdeu hoje? Catástrofes terríveis são lançadas ao mar, não posso te convencer a ir comigo, eu gosto de companhia. Não estou aqui, hoje eu me perdi. Escrevo para o mar quebrar na praia e encontrar a terra. Os pernilongos estão me picando. Eles têm me picado durante atmosferas oníricas. As picadas, as mãos coçando o peito dos pés, as costas roçando um peito-que-eu-nunca-tinha-visto-nu na cama. Comecei a escrever para você sem perceber. Está coçando ainda. Você já escreveu cartas-de-amor do orvalho para a copa das árvores, do vento para as raízes submersas da terra? O amor é um encontro abismal. Você já destinou palavras por rotas invisíveis? A primeira coisa sábia que eu enfiei nos bolsos e nunca mais tirei, desde a infância, foi de que existe um buraco, uma passagem, que sai daqui de Sorocaba – eu não estou em Sorocaba – e vai até o Japão. Eu aprendi quando criança que dá para cair do outro lado do mundo. Num outro mundo. No avesso da terra. Às vezes, eu me perco no avesso da terra. É terrível, é bonito, é bonito. Se você escutar Caymmi agora, pode ser que libere o som inaudível acompanhando esses pensamentos. Escuto-os enquanto também crianças brincam lá fora no meio da rua e carros sobem a calçada. Eles estão lá fora. Lá fora, no avesso do mundo, no mar quando quebra na praia, no papel quando escreve este lápis, há uma coceira que eu insisto em esfregar, um pernilongo zunindo que atravessa as paredes do corpo. Há um silêncio em tudo isso, ainda que eu não saiba dizer...

...

